

Tecnologias de Informação e Comunicação, Ativismo e Movimentos Sociais: uma revisão crítica da literatura brasileira (2010-2017) na perspectiva do campo de estudos de movimentos sociais

Information and Communication Technologies, Activism and Social Movements: a critical review of the Brazilian literature (2010-2017) from the perspective of the field of social movement

Bianca de Oliveira Ruskowski

Instituto Federal Sul-Riograndense
[Sul-Riograndense Federal Institute]

Camila Farias da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
[Federal University of Rio Grande do Sul]

Eduardo Georjão Fernandes

Centro Universitário Uniftec
[Uniftec University Center]

Marcelo Kunrath Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
[Federal University of Rio Grande do Sul]

Matheus Mazzilli Pereira

Universidade Vila Velha
[Vila Velha University]

REVISTA
com política

revista compolítica

2020, vol. 10(2)

compolitica.org/revista

ISSN: 2236-4781

DOI: 10.21878/compolitica.2020.10.2.377

 Open Access Journal

Resumo

Significativas mudanças nos processos de organização e/ou mobilização social contestatória relacionadas à incorporação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) ocorreram na última década, fomentando esforços de pesquisa para a identificação e análise dessas mudanças. O objetivo deste artigo é analisar a literatura brasileira que aborda o tema das TICs a partir da perspectiva do campo de estudos de movimentos sociais. Para responder a esse objetivo, foi realizada uma análise sistemática da literatura acadêmica brasileira recente (2010-2017). Tal análise identifica diversas lacunas e fragilidades na literatura, destacando-se uma significativa desconsideração dessa literatura em relação ao conhecimento acumulado pelo campo de estudos de movimentos sociais. Conclui-se o artigo com algumas sugestões no sentido de enfrentar aquela desarticulação e avançar na construção de um campo estruturado de pesquisa empírica e formulação teórica sobre as relações entre TICs e processos de organização e/ou mobilização social contestatória no Brasil.

Palavras-chave: Tecnologias de Informação e Comunicação, movimentos sociais, ativismo.

Abstract

Significant changes in organization and/or contentious social mobilization processes related to the incorporation of Information and Communication Technologies (ICTs) have occurred in the last decade, encouraging research efforts to identify these changes. This paper seeks to analyze the Brazilian literature on ICTs from the perspective of social movement studies. In other words, it seeks to analyze if/how this literature dialogues with studies that have traditionally had organization and mobilization processes as their central investigation objects. To answer these questions, this paper is grounded on a systematic analysis of the recent Brazilian academic literature (2010-2017). This study identifies several fragilities in this literature, especially an oversight of existing knowledge in social movement studies. We conclude this paper with suggestions that seek to overcome this disarticulation and to contribute to the construction of a field of empirical and theoretical research on the relations between ICTs and organization and mobilization processes in Brazil.

Keywords: Information and Communication Technologies, social movements, activism.

Tecnologias de Informação e Comunicação, Ativismo e Movimentos Sociais: uma revisão crítica da literatura brasileira (2010-2017) na perspectiva do campo de estudos de movimentos sociais

Bianca de Oliveira RUSKOWSKI
Camila Farias da SILVA
Eduardo Georjão FERNANDES
Marcelo Kunrath SILVA
Matheus Mazzilli PEREIRA

O desenvolvimento e a difusão massiva de novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), com destaque para a Internet e a telefonia móvel, vêm produzindo mudanças significativas em praticamente todas as esferas da vida nas sociedades contemporâneas (Castells, 1999; Rainie; Wellman, 2012). Tais mudanças também têm sido objeto de investigação nos campos de estudo sobre ativismo e movimentos sociais. A forte conexão estabelecida entre protestos massivos observados em diversos países no início dos anos 2010 (Tunísia, Egito, EUA, Chile, Espanha, Turquia, Brasil, entre outros) e o uso das TICs direcionou muitos esforços de pesquisa para identificação e análise das mudanças nos processos de organização e/ou mobilização social contestatória relacionadas à incorporação das TICs. No caso brasileiro, especificamente, o ciclo de protestos de 2013 constituiu um marco importante para a colocação do tema das TICs no centro das agendas de pesquisa dos estudos sobre ativismo e movimentos sociais no país.

O objetivo deste artigo é analisar a literatura brasileira que aborda o tema das TICs a partir da perspectiva particular: a perspectiva do campo de estudos de movimentos sociais. Ou seja, analisar se/como essa literatura dialoga com um campo de estudos que, tradicionalmente, teve nos processos de organização e/ou mobilização social contestatória o seu objeto central de investigação. A adoção dessa perspectiva de análise funda-se na premissa de que o avanço do conhecimento científico ocorre a partir da problematização do que se coloca como conhecimento prévio. Tal problematização pode se dar de diversas

formas: a descrição de processos novos ou até então não percebidos e que demandam novos modelos de análise; a identificação de lacunas, erros e insuficiências no conhecimento estabelecido; a confrontação dos fundamentos teórico-metodológicos, epistemológicos e/ou ontológicos do conhecimento prévio (Alvesson; Sandberg, 2013; Geddes, 2003). Independentemente da forma de problematização, é o diálogo crítico com a literatura prévia que cria a oportunidade para a identificação de lacunas e equívocos empíricos e/ou teóricos e, assim, a construção de conhecimentos mais qualificados (Gschwend; Schimmelfennig, 2007).

Analisar a literatura a partir do foco proposto – sua relação com o conhecimento construído pelo campo de estudos de movimentos sociais – é particularmente importante para problematizar duas tendências negativas dos estudos dos processos de organização e mobilização social contestatória no país, as quais tendem a obstaculizar o acúmulo e o avanço do conhecimento. De um lado, observa-se uma agenda de pesquisa fortemente orientada pela conjuntura, com baixa capacidade de construção de problemas e hipóteses de pesquisa que se mantenham por períodos mais extensos. De outro lado, observa-se uma constante busca da “novidade” (Perruso, 2009), exemplificada na difusão da recente nomenclatura de “novíssimos movimentos sociais”, que enfatiza mudanças ao mesmo tempo que tende a desconsiderar continuidades em relação a mecanismos recorrentes na (re)produção das ações coletivas contestatórias.

A partir desse objetivo e dessa premissa, as questões que orientam a análise desenvolvida neste artigo são: Como a literatura brasileira está incorporando o tema das TICs no estudo dos processos de organização e/ou mobilização social contestatória? Quais as fragilidades e lacunas desta literatura no sentido de construir um campo articulado de pesquisa empírica e formulação teórica sobre o tema? Como se poderia contribuir para a construção deste campo?

Dados e Métodos

Para responder a estas questões e objetivo, o artigo se baseia em uma análise sistemática da literatura brasileira recente (2010-2017). Sua base de dados é composta, em primeiro lugar, por artigos publicados entre janeiro de 2010 e março de 2017 em 70 periódicos científicos indexados como *Qualis* A1 e A2 nas áreas de Sociologia, Ciência Política e Antropologia da Capes no quadriênio 2013-2016. A opção pelo recorte nas três grandes áreas das ciências sociais se justifica pelo objetivo estabelecido por esta pesquisa: analisar a literatura sobre as TICs e a mobilização coletiva a partir da perspectiva do campo de estudos de movimentos sociais, que é, em grande medida, constituído por pesquisadores destas áreas disciplinares ou que, ao menos, dialogam com tais áreas. Assim, selecionamos as três áreas do conhecimento nas quais, a princípio, se esperaria um maior diálogo entre os estudos empíricos e a literatura sobre movimentos sociais.

A base de dados dessa revisão inclui, ainda, os trabalhos publicados nos Anais dos Encontros Anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Anpocs) apresentados no GT “Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura” (2010 a 2016) e no GT “Entre as ruas e os gabinetes: institucionalização e contestação nos movimentos sociais latino-americanos” (2014 a 2016)¹. Optamos pelo recorte nesse evento porque se trata do mais importante encontro científico brasileiro a reunir as três grandes áreas do conhecimento das ciências sociais, conforme ressaltado anteriormente, aquelas em que um maior diálogo com as teorias dos movimentos sociais seria esperado. Já a opção por esses dois GTs se justifica na medida em que neles se concentraram as discussões sobre TICs e política, especialmente no primeiro desses casos, e sobre movimentos sociais como um todo, no segundo desses GTs.

A partir de uma busca direta nas revistas e nos anais mencionados acima, foram identificados 57 textos que abordavam os temas movimentos sociais, ativismo e/ou TICs.

¹ Em uma pesquisa similar, Sampaio e seus colaboradores (2018) analisaram 106 artigos apresentados nos GTs “Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura” entre 2010 e 2017 e publicados nos Anais dos Encontros Anuais da Anpocs. Comparativamente, o levantamento aqui apresentado é mais restrito no que se refere à temática em análise – abordando apenas trabalhos que abordam o tema dos movimentos sociais e do ativismo político – e mais amplo no que se refere às bases consultadas, incluindo outro GT deste mesmo evento e artigos publicados em revistas científicas.

Após a leitura destes, quinze textos foram descartados, pois não se adequavam aos objetivos desta revisão visto que não articulavam os temas movimentos sociais, ativismo e TICs. Com isso, foram analisados ao total 42 textos (Quadro 1). Em uma primeira análise do *corpus* da pesquisa, é possível destacar a intensificação da atenção ao tema ao longo dos anos. É possível ainda verificar que essa temática não foi contemplada em trabalhos apresentados no GT “Entre as ruas e os gabinetes (...)” entre 2014 e 2016.

Quadro 01 - Artigos que compõem o corpus da revisão.

Artigos publicados em periódicos			
Ano	Autores	Título	Periódico
2011	Maria Alejandra Nicolás Rachel Callai Bragatto Rafael Cardoso Sampaio	Internet and Politics Studies in Brazil: mapping the characteristics and disparities of the research field	Brazilian Political Science Review
2011	José Antônio Gomes de Pinho	Sociedade da informação, capitalismo e sociedade civil: reflexões sobre política, internet e democracia na realidade brasileira	Revista de Administração de Empresas
2012	Chen, Yin-Zu	Análisis de los sitios web del movimiento por los derechos sexuales y reproductivos en México	Sociedade e Cultura
2012	Tomasso Gravante	Ciberactivismo y apropiación social. Un estudio de caso: La insurgencia popular de Oaxaca	Sociedade e Cultura
2012	Flavia Santos	Juventudes partidárias e mobilização cívica <i>on-line</i> : O caso das eleições presidenciais em Portugal (2011)	Sociedade e Cultura
2012	Sónia Pedro Sebastião Ana Catarina Elias	O ativismo <i>like</i> : As redes sociais e a mobilização de causas	Sociedade e Cultura

2014	Rafael Evangelista	O movimento <i>software</i> livre do Brasil: política, trabalho e <i>hacking</i>	Horizontes Antropológicos
2014	Cláudio Luis Camargo Penteadó Marcelo Burgos Pimentel dos Santos Rafael de Paula Aguiar Araújo Cláudio Luis Camargo Penteadó	Democracia, Sociedade Civil Organizada e internet: estratégias de articulação <i>on-line</i> da Rede Nossa São Paulo	Sociologias
2014	Paulo Rodrigues Gajanigo Rogério Ferreira de Souza	Manifestações Sociais e Novas Mídias: a construção de uma cultura contra-hegemônica	Caderno CRH
2015	Sérgio Amadeu da Silveira	Interações Públicas, Censura Privada: o caso do Facebook	História, Ciências, Saúde - Manguinhos
2015	Ariel Jerez Sergio D'Antonio Maceiras Enrique Maestu	Esferas públicas, crisis política e internet: el surgimiento electoral de Podemos	História, Ciências, Saúde - Manguinhos
2015	Murilo Bansi Machado	Entre o Controle e o Ativismo Hacker: a ação política do Anonymous Brasil	História, Ciências, Saúde - Manguinhos
2015	Samira Feldman Marzochi	O "Animal Eletrônico": dilemas do ciberativismo verde	Caderno CRH
2015	Rosemary Segurado	A Agenda da Multidão e o Webativismo na cidade de São Paulo	História, Ciências, Saúde - Manguinhos

2016	Marcello Baquero; Rute Vivan Angelo Baquero Jennifer Azambuja de Moraes	Socialização Política e Internet na Construção de uma Cultura Política Juvenil no Sul do Brasil	Educação & Sociedade
2016	Iara Beleli	Novos cenários: entre o “estupro coletivo” e a “farsa do estupro” na sociedade em rede	Cadernos Pagu
2016	Begonya Enguix Grau	Activismo y Prácticas Digitales en la Construcción de una Esfera LGTB en España	Revista Dados
2016	Andréa Osório	Sociabilities and sensitivities: recruitments in homeless animal care	Vibrant
2016	Tarcisio Torres Silva	A biopolítica do corpo feminino em estratégias contemporâneas de ativismo digital	Revista de Estudos Feministas
2016	José Alberto Simões Ricardo Campos	Articulações entre a rua e o digital nas práticas culturais juvenis: os casos do rap de protesto e graffiti ilegal em Portugal	Sociologias
2017	Mário Felipe de Lima Carvalho	Is Our Hope Cyborg? Subalternity, Recognition and “Tretas” on the Internet	Revista Estudos Feministas
Artigos publicados em anais dos Encontros Anuais da Anpocs			
Ano	Autores	Título	GT
2010	Rosemary Segurado Silvana Gobbi Martinho	Cyberativismo: quando o desconhecido se torna visível. Um estudo sobre a Birmânia.	Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura.
2011	Lucas Milhomens	Entendendo o Ciberativismo Sem-Terra e a Nova Esfera Pública Interconectada	Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura.

2012	Lívia Moreira de Alcântara Carlos Frederico de Brito d'Andréa	Redes de Movimentos Sociais e Intervenção na Esfera Pública Interconectada: um estudo da campanha pelo limite da terra na Internet	Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura.
2012	Lucas Milhomens	Ciberativismo na Amazônia: desafios da militância digital na floresta	Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura.
2012	Rodrigo Savazoni Murilo Machado Sergio Amadeu da Silveira	As Múltiplas Faces do <i>Anonymous</i> : hacking político nas redes digitais.	Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura.
2013	Maria das Graças Pinto Coelho Daniel Dantas Lemos	Relatos de Experiências em Redes Digitais sobre o movimento #ForaMicarla: agenciamento, reflexividade e desdobramentos políticos em Natal (RN).	Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura.
2013	Lucas Milhomens Milena Barroso.	Ciberativismo na Amazônia <i>versus</i> Grandes Projetos Desenvolvimentistas: a experiência do Movimento dos Atingidos por Barragens - MAB na hidrelétrica de Belo Monte (PA).	Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura.
2013	Jair de Souza Ramos	A Sexualidade como Campo de Batalha na Internet: grupos religiosos e movimentos feminista e LGBT na luta em torno dos direitos sexuais	Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura.
2014	Fábio Gouveia Fábio Malini Patrick Ciarelli	As Narrativas do #VemPraRua: a revolta viralizada nas redes sociais	Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura.
2014	Rita de Cássia Alves Oliveira	Cibercultura, Apropriação do Espaço Público e os usos da Cultura Digital: o caso do Ocupa Sampa, os Indignados de São Paulo	Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura.
2014	Rosemary Segurado Natasha Bachin	Os Movimentos Sociais e a Internet: a apropriação política do Facebook durante as Jornadas de Junho.	Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura.

	Pedro Malina		
2014	Antonio Claudio Engelke Menezes Teixeira	Sobre Mídias e Ninjas: as Jornadas de Junho e a (des)construção de um novo sujeito político.	Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura.
2015	Janine de Kássia Rocha Bargas	Quilombolas no Pará: uso de redes sociais <i>on-line</i> e práticas políticas nas lutas por reconhecimento	Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura.
2015	Rosemary Segurado Natasha Bachini Tathiana Chicarino	Podemos: a relação entre partido e movimento e entre liderança e protagonismo.	Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura.
2015	Luiz Henrique Vilaça Marisa von Bülow Pedro Abelin	Aprendendo a usar o Facebook: o movimento estudantil do Chile e o ativismo digital.	Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura.
2016	Rafael de Paula Aguiar Araújo Cláudio Luis Camargo Penteado Marcelo Burgos Pimentel dos Santos	Movimentos Políticos pelo <i>impeachment</i> de Dilma Rousseff e suas organizações na Internet	Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura.
2016	Claudia Pereira Ferraz	Ciborgue e Ciberfeminismos no Tecnocapitalismo	Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura.
2016	Isadora Teixeira de Lira	Hacktivistas e <i>Cypherpunks</i> : a resistência à militarização e vigilância do ciberespaço na sociedade de controle	Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura.
2016	Beatriz Moreira da Gama Malcher	#FEMINISMO: ciberativismo e os sentidos da visibilidade	Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura.

2016	Teresinha Maria de Carvalho Cruz Pires, Caio Cesar Giannini Oliveira	Polarização Política no Twitter: as manifestações do dia 13 de março de 2016.	Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura.
2016	Rosemary Segurado Tathiana Chicarino Pedro Malina	A Polarização Brasileira analisada através do monitoramento de rede focado nos perfis do MBL e da CUT no Twitter	Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura.

Fonte: Os autores.

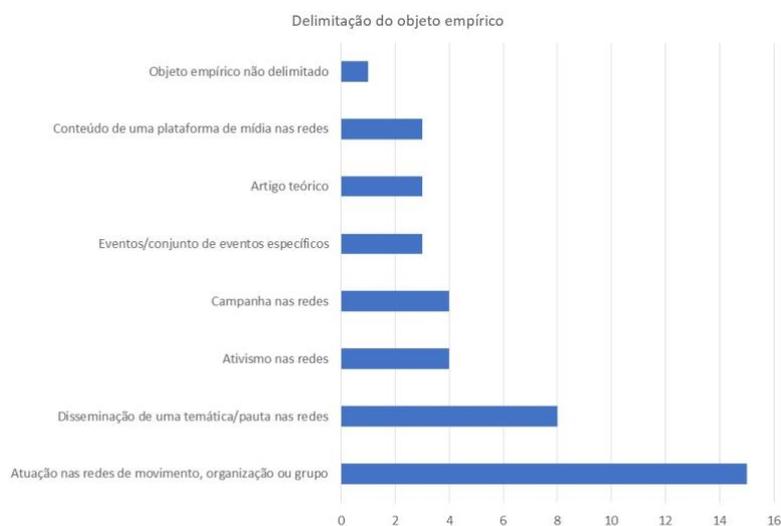
Os procedimentos de análise dos artigos foram realizados da seguinte maneira. Em primeiro lugar, foram definidas seis dimensões de análise dos textos: os objetos empíricos pesquisados; as tecnologias neles abordadas; os autores e conceitos utilizados nas análises; os problemas de pesquisa construídos; as técnicas de produção de dados utilizadas; resultados e conclusões das pesquisas. Por meio dessas dimensões, buscamos identificar as principais escolhas teórico-metodológicas efetuadas pela autoria dos artigos em seus desenhos de pesquisa.

A equipe composta pelos autores deste artigo foi dividida, sendo atribuídas dimensões de análise para cada um de seus componentes. Assim, todos os autores deste artigo revisaram todos os textos listados acima, porém, concedendo especial atenção a uma das dimensões de análise em um primeiro momento. Para cada dimensão, foram construídas categorias de forma indutiva a partir da leitura do conteúdo apresentado nos artigos. A seguir, cada artigo foi categorizado em suas diversas dimensões pelo pesquisador responsável, possibilitando a quantificação da recorrência de cada categoria de problema, objeto, técnica, etc. Por fim, as categorias e o processo de categorização dos artigos foram revisados em conjunto pelos demais membros da equipe. Nas seções seguintes, a partir dos resultados dessa análise, são destacadas fragilidades e lacunas da literatura e, em nossas considerações finais, apresentadas algumas propostas no sentido de enfrentamento destes problemas.

Objetos empíricos pesquisados

No que se refere aos objetos empíricos pesquisados, a distribuição da literatura analisada pode ser observada no Figura 1. Identifica-se, a partir desta figura, que os artigos analisados abordam objetos empíricos muito distintos. Um número importante de estudos (cerca de 37% do total) tem como objeto um movimento, organização ou grupo, analisando-se a atuação desses coletivos na Internet. Em menor medida, mas ainda assim em proporção relevante (cerca de 20% do total), outros estudos definem seu objeto empírico a partir de uma temática/pauta específica (como, por exemplo, o ativismo feminista). Se, no primeiro caso, a centralidade da pesquisa recai sobre a mobilização de determinados coletivos, no segundo caso, trata-se de identificar a disseminação de uma pauta (mesmo que mobilizada por vários grupos ou movimentos) na rede.

Gráfico1 – Objetos empíricos pesquisados em artigos publicados em GTs da Anpocs e em revistas Qualis A1 e A2 nas áreas de Sociologia, Ciência Política e Antropologia (2010-201)



Fonte: Os autores.

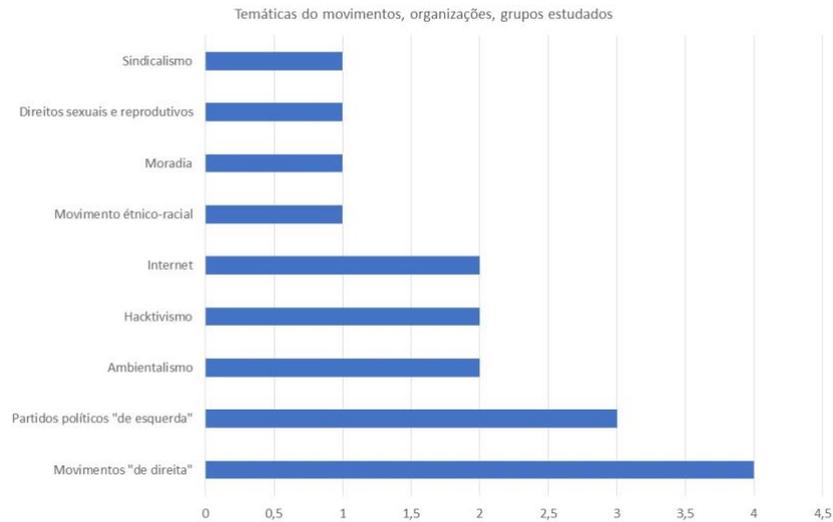
Outras formas de delimitação do objeto empírico estão presentes em números menos significativos: certos estudos (cerca de 10%) centram-se sobre as dinâmicas do ativismo na rede (como é o caso da análise de impactos das redes na relação de internautas com

causas sociais, independentemente de grupos ou pautas específicas relacionados ao ativismo); alguns artigos (cerca de 10%) têm como objeto campanhas específicas organizadas nas redes; determinados textos (cerca de 7%) tratam da organização de eventos ou de conjuntos de eventos (como ciclos de protesto) na rede; outros artigos (cerca de 7%) têm caráter teórico; e, por fim, uma pequena quantidade de estudos (cerca de 7%) analisa o conteúdo de plataformas de mídia (jornais, por exemplo) sobre temas ligados aos movimentos sociais.

Os dados da Figura 1 indicam, portanto, que os estudos sobre movimentos sociais e ativismo no Brasil, mesmo no contexto das novas tecnologias, têm nas organizações (entidades, grupos, coletivos) o objeto empírico principal das análises. Esta centralidade atribuída a presença e atuação de organizações enquanto responsáveis pela mobilização em torno de determinada temática, no entanto, não dialoga com um dos temas centrais no debate contemporâneo do campo de estudos de movimentos sociais: a hipótese de diminuição e/ou perda da centralidade das organizações de movimentos sociais nos processos de mobilização social em decorrência das transformações nos processos de interação, comunicação e informação produzidas pelas novas TICs (Cristancho; Anduiza, 2013; Bennett; Segerberg, 2012).

Analisando os objetos empíricos destes quinze estudos que abordam movimentos, organizações ou grupos, identificam-se uma diversidade de atores e de temáticas defendidas. Embora não se verifique a predominância marcante de um determinado tema, aquele mais estudado no *corpus* analisado é a mobilização nas/das redes por atores “de direita”, como *Movimento Brasil Livre* (MBL), *VemPraRua* e *Revoltados Online*, abordados em quatro trabalhos. Em seguida, com três ocorrências, identificam-se pesquisas cujos objetos são partidos políticos “de esquerda”, não apenas brasileiros, mas de âmbito internacional, como é o caso do partido *Podemos* da Espanha. Ainda, as temáticas do ambientalismo, do *hacktivismo* (estudos sobre a atuação do grupo *Anonymous*) e da Internet (*software* livre e cibercultura) são tratadas em dois artigos cada. Por fim, há uma ocorrência para movimentos, organizações ou grupos vinculados às pautas étnico-racial, de moradia, de direitos sexuais e reprodutivos e sindical.

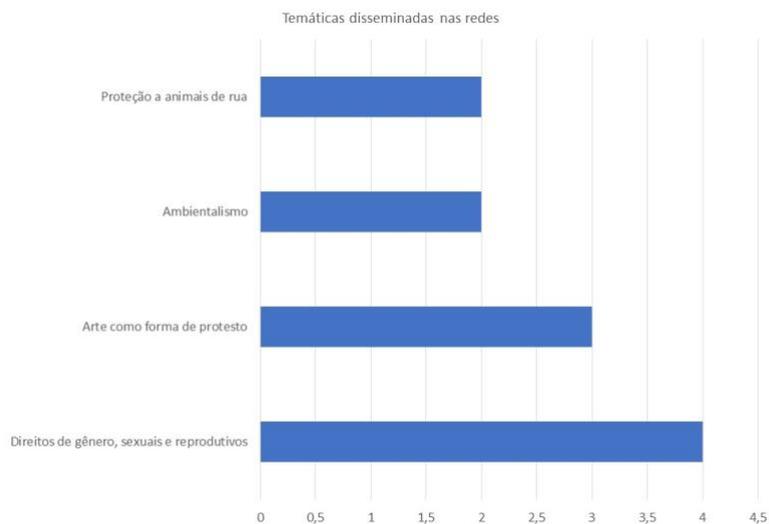
Gráfico 2 – Temáticas dos estudos que tiveram como objeto empírico a atuação na rede de movimento, organização ou grupo em artigos publicados em GTs da Anpocs e em revistas Qualis A1 e A2 nas áreas de Sociologia, Ciência Política e Antropologia (2010-2017)



Fonte: Os autores.

Quanto aos oito estudos em que o objeto de pesquisa é a disseminação de determinada temática nas redes, identifica-se a preponderância de estudos sobre direitos de gênero, sexuais e reprodutivos. Dos estudos nesse conjunto, cinco tratam da referida temática. Ainda, um estudo trata de ambientalismo, um de arte como forma de protesto e um de proteção a animais de rua.

Figura 3 – Temáticas dos estudos que tiveram como objeto empírico a disseminação de uma pauta na rede em artigos publicados em GTs da Anpocs e em revistas Qualis A1 e A2 nas áreas de Sociologia, Ciência Política e Antropologia (2010-2017)



Fonte: Os autores.

Os dados das Figuras 2 e 3 indicam a diversidade de temáticas e atores selecionados como objeto de estudo, ao mesmo tempo em que se destacam temáticas e atores específicos, principalmente aqueles relativos aos direitos de gênero, sexuais e reprodutivos e às organizações de movimentos sociais “de direita”. O destaque para o estudo de organizações “de direita”, de criação e crescimento recentes, indica a tendência da literatura em estudar a inovação, ou seja, grupos que se constituem como novidades no contexto político do Brasil.

Quanto à prevalência da temática dos direitos de gênero, sexuais e reprodutivos nos estudos que se atêm sobre a disseminação de uma pauta na rede, identifica-se que a literatura pesquisada expressa a tendência de estudar o ativismo que ocorre “por fora” das organizações para essa temática. Tal constatação parece corroborar com a ideia de que a pauta específica dos direitos de gênero no país tem se disseminado a partir de uma dinâmica própria, na qual as organizações assumem menos centralidade, diferentemente de outras temáticas.

Diante da diversidade de atores e temáticas identificada, resta como desafio entender em que medida as TICs impactam a organização e a disseminação de causas específicas. Estudos comparativos sobre processos relativos a diferentes temáticas, ausentes no *corpus* analisado, seriam importantes para a identificação de tais especificidades.

Tecnologias analisadas

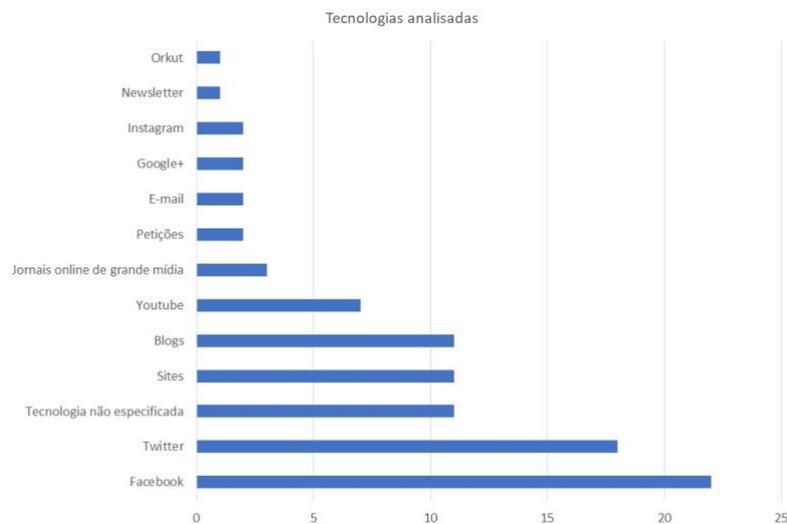
A análise dos textos indica uma alta diversidade de tecnologias abordadas nos estudos que compõem a base de dados. Embora haja um relativo predomínio de pesquisas sobre conteúdos produzidos no *Facebook* e no *Twitter*, diversas plataformas e tecnologias são abordadas nos artigos analisados (*blogs*, *sites* de forma geral, *Youtube*, entre outros). A centralidade de *Facebook* e *Twitter* na literatura deve ser considerada a partir dos usos dessas plataformas no Brasil e do grau de abertura dos seus dados à pesquisa. Enquanto o *Facebook* foi a rede social com o segundo maior número de usuários no país em 2019, muitos de seus elementos (como dados de perfis de usuários) têm o acesso restrito e dificultam a construção de bases de dados². Já o *Twitter* foi a sexta rede social com mais usuários no Brasil nesse mesmo ano. Embora seja menos utilizado (e assim menos representativo dos usos das redes pela população do país) comparativamente a outras redes sociais, a facilidade de acesso aos seus dados (*tweets*, dados de usuários) reflete-se no constante uso do *Twitter* como fonte de dados de pesquisa. Questões como estas não impedem a realização de estudos baseados nas referidas redes, mas devem ser explicitadas pelo pesquisador.

No conjunto da literatura pesquisada, determinados estudos centram-se em uma plataforma ou tecnologia específica; outros têm como base de dados conteúdos provenientes de distintos formatos de TICs simultaneamente. Ainda assim, de modo geral, os estudos extraem resultados que são generalizados no âmbito da relação entre ativismo, movimentos sociais e TICs, sem que sejam especificadas e tratadas

² Os dados sobre o número de usuários das redes sociais no Brasil podem ser acessados em: <<https://marketingdeconteudo.com/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>>. Acesso em: 25/10/2019.

análiticamente as diferenças entre cada tecnologia (suas *affordances*³ distintas, por exemplo). Os dados apresentados na Figura 4 demonstram a referida diversidade:

Gráfico 4 – Número de estudos em que cada tecnologia foi analisada em artigos publicados em GTs da Anpocs e em revistas Qualis A1 e A2 nas áreas de Sociologia, Ciência Política e Antropologia (2010-2017)

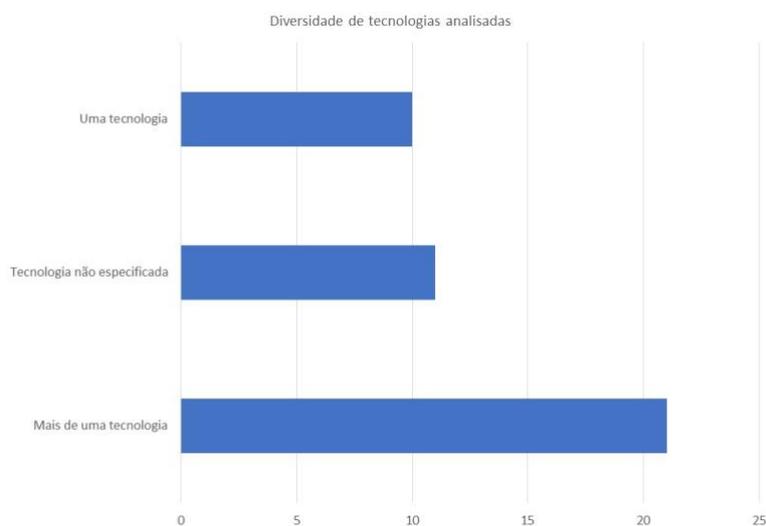


Fonte: Os autores.

Já a Figura 5 demonstra a proporção entre estudos que se centram em analisar uma tecnologia específica e aqueles que analisam mais de uma tecnologia simultaneamente, indicando um importante predomínio de estudos que abordam duas ou mais tecnologias.

³ O conceito de *affordances*, relativamente às TICs, busca apreender como as possibilidades de interpretação e uso de uma determinada tecnologia são, em parte, condicionadas pelas propriedades específicas da mesma, as quais definem sua “usabilidade”. O conceito constitui um recurso teórico para confrontar tanto a abordagem subsocializada da tecnologia presente no determinismo tecnológico quanto a abordagem sobressocializada expressa pelo construtivismo social (Bloomfield; Latham; Vurdubakis, 2010; Evans; Pearce; Vitak; Treeem, 2017; Hutchby, 2001).

Gráfico 5 – Comparação entre estudos que analisam uma tecnologia específica e estudos que analisam mais de uma tecnologia simultaneamente em artigos publicados em GTs da Anpocs e em revistas Qualis A1 e A2 nas áreas de Sociologia, Ciência Política e Antropologia (2010-2017)



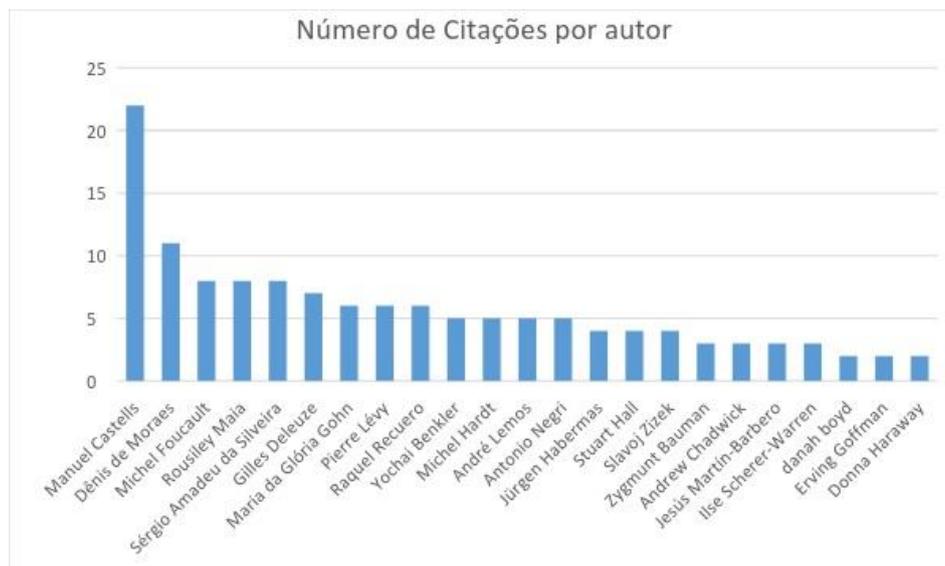
Fonte: Os autores.

O predomínio de estudos que abordam diversas tecnologias sem a devida análise de suas particularidades coloca-se como uma limitação importante da literatura analisada, uma vez que as características específicas de cada tecnologia condicionam os usos que a estas podem ser dados. O *Facebook*, por exemplo, contém espaços (*timeline*, grupos, eventos) que delimitam o conteúdo produzido e as relações estabelecidas por seus usuários. Tais usos tendem a diferenciar-se daqueles que se constituem no *Twitter*, no qual se prioriza a produção e disseminação de textos reduzidos em comparação ao *Facebook*. A arquitetura dessas plataformas, em suma, condiciona os usos possíveis e o conteúdo produzido. Ao mesmo tempo, o perfil dos usuários de cada plataforma ou tecnologia igualmente difere substancialmente. Essas distinções relativas a formato e a usuários, caso não consideradas, resultam em imprecisões analíticas e em generalizações não correspondentes à complexidade dos usos e impactos das TICs em relação ao ativismo e aos movimentos sociais.

Autores e conceitos mobilizados

A revisão da literatura aqui apresentada permitiu identificar quem foram os autores mais citados nos artigos e quais conceitos estruturam as análises. O levantamento dos autores mais citados nos artigos demonstra que dos 23 autores mais citados sete são brasileiros: quatro pesquisadores que atuam na área da comunicação social, dois na sociologia e um na ciência política. Destaca-se que, nesse sentido, referências das ciências sociais brasileiras são minoria nos artigos aqui analisados, corroborando-se os achados de Sampaio, Bragatto e Nicolás (2016) sobre o predomínio da área de comunicação nos estudos sobre Internet e Política.

Gráfico 6 – Número de citações de cada autor em artigos publicados em GTs da Anpocs e em revistas Qualis A1 e A2 nas áreas de Sociologia, Ciência Política e Antropologia (2010-2017)



Fonte: Os autores.

Os dados da figura chamam a atenção para a mobilização de uma literatura internacional caracterizada por um alto nível de abstração e, em boa parte dos casos, sem uma conexão direta com o campo de estudos de movimentos sociais/ativismo, como Michel Foucault, Gilles Deleuze e Pierre Lévy. O próprio Manuel Castells, que se destaca como o autor mais citado, apesar de ser um autor que tem nas relações entre TICs e movimentos sociais

o seu tema central, em geral é mobilizado por suas formulações mais gerais e abstratas sobre a “sociedade em rede” (que, conforme será visto posteriormente, é um dos conceitos mais recorrentes entre as palavras-chave da literatura pesquisada).

Ainda, a preponderância de autores e conceitos provenientes do “norte global” tende a reproduzir uma espécie de geopolítica acadêmica voltada para o norte (principalmente a Europa), não se constituindo um debate teórico que tenha como centralidade as especificidades do sul global. Por exemplo, questões sobre as relações entre TICs, movimentos sociais e ativismo em sociedades de desigualdade extrema ou nas quais uma parcela significativa da população encontra-se excluída do acesso à Internet, como a brasileira, praticamente não são observadas na literatura analisada.⁴

Paradoxalmente, apesar do predomínio de autores estrangeiros nas bibliografias analisadas, observa-se um significativo descolamento entre a produção brasileira e o debate internacional sobre movimentos sociais e ativismo. Tal descolamento é evidenciado quando, ao realizar-se uma busca por todos os artigos publicados no periódico *Mobilization* sobre a temática TICs, movimentos sociais e ativismo entre 2010 e 2017⁵, observa-se que nenhum dos autores mais citados no Brasil publicou no periódico que é a principal referência internacional no estudo sobre movimentos sociais. Além disso, nenhum dos autores que publicou na *Mobilization* no período aparece entre os autores de referência da literatura nacional⁶.

Um levantamento dos conceitos utilizados nos textos foi realizado através das palavras-chave indicadas pelos autores e, na falta de palavras-chave, através da análise de conteúdo com a intenção de identificar os conceitos que estruturavam a argumentação em torno do

⁴ Pesquisa recente realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade de Informação informou que, em 2018, cerca de 70% da população brasileira estava conectada à Internet. Fonte: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/08/28/uso-da-internet-no-brasil-cresce-e-70percent-da-populacao-esta-conectada.ghtml>>. Último acesso em: 29/03/2020.

⁵ A opção pelo uso do periódico *Mobilization* como parâmetro para caracterizar o debate internacional justifica-se devido a sua especialização no campo de estudo de movimentos sociais e ativismo político, bem como devido a sua relevância e impacto no debate internacional sobre estas temáticas.

⁶ Jennifer Earl, Stefaan Walgrave, Jeroen Van Laer, Alison Dahl Crossley, Katrina Kimport, Greg Prieto, Carly Rush, Kimberly Reynoso, W. Lance Bennett, Christian Breunig, Jacqueline van Stekelenburg, Bert Klandermans, Joris Verhulst, Elena Pavan e Alexander Hanna são os autores com artigos sobre TICs, movimentos sociais e ativismo publicados no periódico *Mobilization* entre 2010 e 2017.

qual o artigo se organizava. Com isso, foram utilizadas até cinco palavras-chave para cada artigo. No entanto, a maior parte foi classificada com até três palavras-chave. Ao realizar este levantamento, a intenção foi compreender se há uma linguagem comum estabelecida pela área, ao longo dos anos, que permita um diálogo teórico que aprofunde os temas estudados, quais tipos de conceitos são utilizados e em torno do que o debate teórico se estabelece.

Os conceitos “sociedade em rede” e “cibercultura” são os mais citados entre as palavras-chave, aparecendo em um total de seis vezes cada. O conceito “ciberativismo” está presente nas palavras-chave de quatro textos e os conceitos “ativismo”, “hacktivismo”, “esfera pública”, “movimentos sociais”, “multidão” e “redes de movimentos sociais” são três vezes catalogados cada. Na Figura 7 é possível visualizar todas as palavras-chave que compõem esta unidade de análise, de forma que o tamanho da palavra na nuvem representa a quantidade de vezes que apareceu entre as catalogadas:

Figura 1 – Nuvem de palavras-chave em artigos publicados em GTs da Anpocs e em revistas Qualis A1 e A2 nas áreas de Sociologia, Ciência Política e Antropologia (2010-2017)



Fonte: Os autores

Uma das questões que chama atenção quando se analisa a gramática conceitual da literatura pesquisada é a ausência, em grande parte dos textos, de mediações entre teorias de nível macro e as análises empíricas. Os conceitos de autores como Manuel Castells, Michel Foucault, Gilles Deleuze e Pierre Lévy, que são de alta abstração teórica, estão presentes em boa parte dos artigos analisados para enquadrar os achados do campo, que ilustram e corroboram os fenômenos sociais expressos por aqueles conceitos. No entanto, menos da metade dos conceitos poderiam ser considerados de média abstração teórica e que operacionalizam as dimensões empíricas analisadas nos textos. Identifica-se, ainda, uma escassa presença de conceitos que integram perspectivas teóricas estruturantes do campo de estudos de movimentos sociais, tais como as teorias dos novos movimentos sociais e a teoria do confronto político. Observa-se, assim, que a teoria tende a ser mobilizada para nomear e interpretar os objetos empíricos analisados e não como algo a ser problematizado a partir de sua confrontação com a empiria.

Neste sentido, a literatura analisada tende a utilizar a teoria segundo o estilo de pensamento sociológico que Abend identifica na sociologia mexicana:

[...] os sociólogos mexicanos tendem a pensar e a utilizar as teorias como gramáticas. A orientação proporcionada por estas teorias é completamente diferente daquela proporcionada pelas teorias de médio alcance de Merton. Gramáticas são ferramentas baseadas em convenções e, portanto, não têm valor de verdade. Gramáticas são “formas de falar sobre o mundo”. Existem diversas gramáticas e elas podem ser vistas simplesmente como instrumentos distintos, mas igualmente aceitáveis, com os quais se fala sobre o mundo (Abend, 2006, p. 14).

Assim, grande parte dos conceitos identificados na literatura atuam mais como “gramáticas”, a partir das quais se apreende a realidade, e menos como teorias explicativas que pretendem oferecer hipóteses causais sobre os fenômenos ou processos abordados. Além disto, está praticamente ausente na literatura a confrontação com teorias alternativas ou concorrentes, que tendem a ser simplesmente ignoradas. O que é problematizado aqui, então, não são as escolhas teóricas presentes na literatura analisada, mas sim a forma como se mobiliza a teoria na maior parte dessa literatura. A falta de operacionalização das teorias e de testagem da sustentabilidade empírica das opções

teóricas adotadas frente a outras opções teóricas presentes no campo de estudos tende a limitar significativamente o potencial de acúmulo e de avanço do conhecimento.

Também se pode perceber que não há consenso no uso de determinados conceitos: movimentos sociais (Jerez; Maceiras; Maestu, 2015; Gravante, 2012; Chen, 2012), redes de movimentos sociais (Bargas, 2015; Gajanigo; Souza, 2014), organizações de movimentos sociais (Vilaça; Von Büllow; Abelin, 2015), novos movimentos sociais (Gajanigo; Souza, 2014), por exemplo, são diferentes conceitos escolhidos para abordar os fenômenos analisados.

No que tange aos processos de engajamento/ativismo, também se tem uma multiplicidade de conceitos: ativismo (Pires; Oliveira, 2016; Savazoni; Machado; Amadeu da Silveira, 2012; Silva, 2016), netcidadão (Santos, 2012), sujeito-político (Teixeira, 2014), engajamento político (Machado, 2015), participação juvenil (Oliveira, 2014), ciberativismo (Segurado; Bachini; Malina, 2014; Sebastião; Elias, 2012), *slacktivism* (Sebastião; Elias, 2012), e-participação (Penteado; Santos; Araújo, 2014).

Embora se reconheça que os estudos apresentam objetos e preocupações distintas, eventualmente justificando a diversidade de conceitos mobilizada, questiona-se o fato da maioria dos artigos não justificar analiticamente suas escolhas conceituais e, por vezes, não aprofundar as implicações de tais escolhas na análise desenvolvida. Esta característica da literatura tende a produzir uma polifonia que pouco contribui para o diálogo entre as pesquisas, o acúmulo teórico e empírico e o desenvolvimento de análises comparativas.

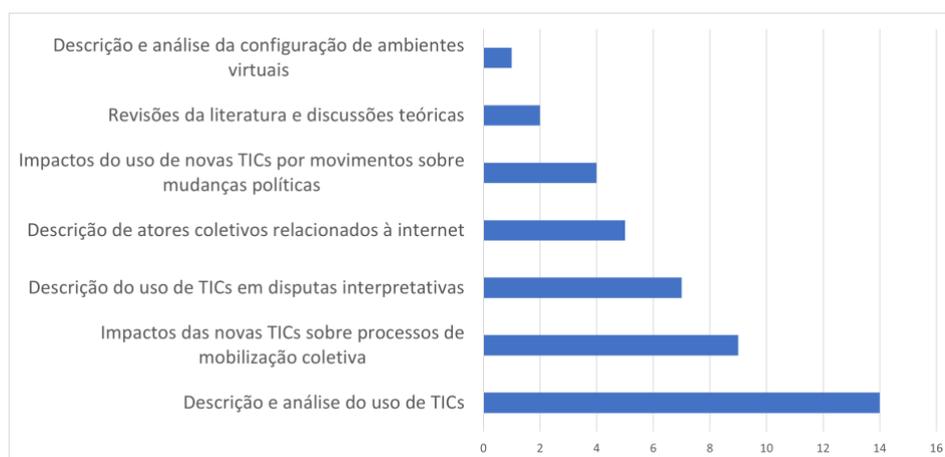
A falta de conceitos de média abstração, estruturando as pesquisas e as discussões, e a polifonia conceitual dos textos indicam que os estudos sobre TICs, ativismo e movimentos sociais desenvolvidos no Brasil não se conectam em uma agenda de pesquisa coerente e articulada. Ainda, a ausência de questões norteadoras teoricamente fundamentadas, que estruturam um debate de longo prazo, tende a tornar a agenda dos estudos sobre TICs, ativismo e movimentos sociais especialmente dependente da conjuntura política (uma característica que explica a importância de objetos empíricos

que aparecem como novidades na conjuntura, como é o caso das organizações de movimentos sociais “de direita” destacadas anteriormente).

Problemas de pesquisa

Em linhas gerais, os problemas de pesquisa dos trabalhos revisados podem ser agrupados nas categorias da Figura 8. Conforme os dados apresentados nesta figura, a principal categoria, reunindo quatorze textos, é constituída por descrições e análises do uso de TICs por atores coletivos. Estes estudos propõem problemas de investigação ligados à descrição dos usos de novas TICs por determinado ator coletivo, traçando considerações gerais sobre as potencialidades e limites desses usos, bem como considerando alguns dilemas enfrentados pelos ativistas ao utilizarem estas tecnologias.

Gráfico 7 – Problemas de pesquisa em artigos publicados em GTs da Anpocs e em revistas Qualis A1 e A2 nas áreas de Sociologia, Ciência Política e Antropologia (2010-2017)



Fonte: Os autores.

As principais diferenças entre os trabalhos, nesse caso, se referem ao recorte do objeto de pesquisa. Algumas investigações buscam mapear o uso de novas TICs por determinada organização de movimento social – como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-

Terra (MST) (Milhomens, 2011) e o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) (Milhomens; Barroso, 2013) – ou, ainda, por determinado partido político próximo a movimentos sociais, como o *Podemos* espanhol (Jerez; Maceiras; Maestu, 2015). Outras pesquisas estabelecem recortes mais amplos, focando determinadas redes de movimentos sociais em dado recorte espaço-temporal. São descritos, assim, os usos de novas TICs pelo movimento quilombola no município de Salvaterra, no Pará (Bargas, 2015), por diversos movimentos sociais da Amazônia (Milhomens, 2012), pelo movimento LGBT na Espanha (Grau, 2016) e por grupos de *rap* de protesto e de *graffiti* ilegal em Portugal (Simões; Campos, 2016). São também descritos os usos de grupos de ativistas organizados *on-line*, como ciberfeministas (Ferraz, 2016) e grupos de direita (Araújo; Penteado; Santos, 2016) que atuam em páginas do *Facebook*, bem como *hacktivistas* e *cypherpunks* de um modo geral (Lira, 2016). Por fim, outros trabalhos focam como ativistas utilizaram as novas TICs em episódios específicos de confronto, como durante ocupações estudantis (Oliveira, 2014), em um ciclo de protestos na Birmânia (Segurado; Martinho, 2010) e na insurreição de Oaxaca no México (Gravante, 2012).

A segunda categoria mais numerosa, com nove textos, aborda os impactos das novas TICs sobre processos de mobilização coletiva (engajamento, organização, táticas, identidades e difusão). Dois desses trabalhos analisam os impactos das novas TICs sobre processos de recrutamento e engajamento. É explorada a geração de novos mecanismos de autorrecrutamento por meio de novas TICs (Osório, 2016), bem como uma nova forma de engajamento junto a movimentos sociais por meio destas tecnologias, o “ativismo *like*” (Sebastião; Elias, 2012).

Outros estudos exploram os impactos das novas TICs sobre os processos organizativos. Analisam, por exemplo, o papel de organizações de movimentos sociais em campanhas em redes sociais virtuais (Malcher, 2016), os processos de aprendizado necessários para o uso de novas TICs para a organização da ação coletiva (Vilaça; Von Büllow; Abelin, 2015) e os impactos das formas de organização na Internet sobre a organização de partidos políticos em um estudo de caso do partido espanhol *Podemos* (Segurado; Bachini; Chicarino, 2015).

Ainda abordando o impacto das TICs nos processos de mobilização coletiva, outro conjunto de estudos tem como foco a análise do impacto das novas TICs sobre a tática do uso de imagens por movimentos sociais (Gajanigo; Souza, 2014; Silva, 2016). Ainda, um dos estudos revisados aqui tem como foco analisar os impactos das novas TICs sobre a produção de reconhecimento e identidades coletivas (Carvalho, 2017). Por fim, outra investigação analisa a difusão de campanhas de movimentos sociais na Internet em um estudo de caso da “Campanha pelo Limite da Terra” (Alcântara; D’Andréa, 2012).

A terceira categoria, com sete textos, reúne trabalhos que não focam um ator coletivo específico, mas sim mapeiam disputas interpretativas entre diversos atores em torno de temas, eventos críticos ou ciclos de protesto. Nessa linha, dois trabalhos analisados buscaram mapear as disputas interpretativas relativas ao ciclo de protesto de junho de 2013 no Brasil (Goveia; Malini; Ciarelli, 2014; Teixeira, 2014) e outro buscou mapear disputas interpretativas existentes nos ciclos de protestos ocorridos em Natal, no período de 2011 a 2012, entre movimentos sociais e grandes veículos de comunicação (Coelho; Lemos, 2013). Outros focam disputas interpretativas ao redor de eventos críticos que amplificaram os debates sobre determinados temas nas redes sociais virtuais. São os casos das análises sobre as disputas em torno de um episódio de estupro coletivo no Rio de Janeiro (Beleli, 2016) e acerca de episódios relacionados a disputas entre o movimento LGBT e o movimento evangélico conservador no Brasil (Ramos, 2013). Por fim, estudos recentes têm analisado processos de polarização política relacionados a disputas em eventos como o golpe/*impeachment* sobre a presidenta Dilma Rousseff (Pires; Oliveira, 2016; Segurado; Chicarino; Malina, 2016).

A quarta categoria reúne estudos que buscam descrever atores coletivos que têm a Internet como principal espaço de ação, referente identitário ou objeto de reivindicação, sendo composta por cinco textos. Tais estudos não se restringem à descrição do uso das novas TICs por esses atores, descrevendo também sua trajetória e seus enquadramentos. Dois trabalhos descrevem o grupo *Anonymous* (Machado, 2015; Savazoni; Machado; Amadeu da Silveira, 2012), outro caracteriza o Movimento de *Software* Livre no Brasil (Evangelista, 2014) e outros dois descrevem grupos diversos organizados em páginas do

Facebook, tendo como foco a descrição de suas “agendas” (Segurado, 2015; Segurado; Bachini; Malina, 2014).

A quinta categoria inclui trabalhos voltados aos impactos dos usos de novas TICs por movimentos sociais sobre processos políticos mais amplos, como mudanças nas formas de participação política, na cultura política e na democracia, reunindo quatro textos. Dois desses estudos analisam como as novas TICs geram novas formas de participação política entre jovens (Santos, 2012) e em redes de organizações de movimentos sociais (Penteado; Santos; Araújo, 2014). Outro estudo busca analisar como e se as novas TICs mudam as formas de socialização política e se o uso dessas novas tecnologias altera de alguma forma a cultura política entre jovens do sul do Brasil (Baquero; Baquero; Morais, 2016). Por fim, outro estudo busca analisar de forma mais ampla os impactos das novas TICs sobre a democracia (Pinho, 2011).

A última categoria se refere à descrição e à análise da configuração de ambientes virtuais, com um texto. Destaca-se, assim, que dentre todos os trabalhos aqui analisados, apenas um, busca descrever de forma aprofundada as novas TICs em si, focando a análise em como a arquitetura do *Facebook* está relacionada a novas formas de controle e censura (Amadeu da Silveira, 2015). Dois dos textos que compõem o *corpus* deste artigo consistem em revisões da literatura ou discussões conceituais e, assim, foram excluídos desta análise específica (Marzochi, 2015; Nicolás; Bragatto; Sampaio, 2013).

Técnicas de produção de dados utilizadas

Como demonstrado em seção anterior, os conceitos científicos, em geral, foram mobilizados pelos trabalhos aqui revisados não para analisar e problematizar a realidade, mas como gramáticas para enquadrá-la e interpretá-la. Desta forma, a teoria tende a não ser confrontada a partir dos achados empíricos. Tais características da literatura trazem implicações para os procedimentos metodológicos. Identificou-se que a maioria dos trabalhos não apresenta uma descrição detalhada de como foram operacionalizados os conceitos e realizadas as pesquisas empíricas.

Para sistematizar as formas como a literatura expõe os procedimentos metodológicos de pesquisa foram criadas três categorias de classificação: “não especificado” (artigos que não especificam como realizaram a produção de dados), “especificado” (artigos que especificam como realizaram a produção de dados) e “comentário geral” (artigos que não descrevem detalhadamente como realizaram a produção de dados, mas apresentam um comentário metodológico genérico)⁷.

Tabela 1 - Frequência da especificação das técnicas de produção de dados em artigos publicados em GTs da Anpocs e em revistas Qualis A1 e A2 na área Sociologia, Ciência Política e Antropologia (2010-2017)

	Frequência	Porcentagem
Não especificado	9	18,0
Especificado	22	44,0
Comentário geral	19	38,0
Total	50	100,0

Fonte: Os autores

Conforme indicado na Tabela 1, no *corpus* pesquisado, somente 22 dos artigos e trabalhos foram classificados na categoria “especificado”. Outros dezenove foram classificados em “comentário geral” e nove em “não especificado”. Ou seja, aproximadamente 55% dos

⁷ Quando identificadas mais de uma técnica de produção de dados, elas foram classificadas separadamente. Portanto, o número total é maior que o número de artigos analisados.

artigos analisados não apresentam de forma detalhada como realizaram a coleta e análise de dados, indicando importantes fragilidades metodológicas.

Tabela 2 - Frequência dos tipos de “comentário geral” sobre as técnicas de produção de dados em artigos publicados em GTs da Anpocs e em revistas Qualis A1 e A2 na área Sociologia, Ciência Política e Antropologia (2010-2017)

	Frequência	Porcentagem
Análise de publicações	5	26,3
Observação	6	31,6
Mapeamento	2	10,5
Coleta de postagens	1	5,3
Visita a páginas	2	10,5
Análise de um documentário	1	5,3
Análise de editorial	1	5,3
Análise de conteúdo	1	5,3
Total	19	100,0

Fonte: Os autores.

Os estudos que foram classificados como “comentário geral” apresentam principalmente indicações de análise/mapeamento de postagens e observação de páginas /publicações, conforme indicado na Tabela 2. Ou seja, não apresentam uma descrição detalhada de como foram realizados tais procedimentos.

Tabela 3 - Frequência dos tipos de “especificado” sobre as técnicas de produção de dados em artigos publicados em GTs da Anpocs e em revistas Qualis A1 e A2 na área Sociologia, Ciência Política e Antropologia (2010-2017)

	Frequência	Porcentagem
Entrevistas	8	36,4
Etnografia	5	22,7
Ferramenta de extração de conteúdo	4	18,2
Construção de redes	1	4,5
Revisão teórica	3	13,6
Questionário (survey)	1	4,5
Total	22	100,0

Fonte: Os autores

Quando analisados os 22 textos que especificam a técnica de produção de dados (Tabela 3), percebe-se o forte predomínio de técnicas qualitativas (etnografia e entrevistas), sendo ainda excepcionais as pesquisas que utilizam recursos informacionais e/ou técnicas quantitativas. Ainda, apenas um trabalho apresentava uma análise de redes propriamente dita (Segurado; Chicarino; Malina, 2016).

A falta de informações sobre os procedimentos metodológicos adotados nas pesquisas empíricas impossibilita a realização de comparações entre as análises, assim como a qualificação da discussão metodológica. Particularmente em um momento de produção e difusão de novas técnicas de pesquisa (*big data*, por exemplo) e da crescente reflexão sobre as implicações metodológicas que essas técnicas trazem (Boyd; Crawford, 2012; Campanella; Barros, 2016; Fragoso, Recuero; Amaral, 2016; Hine, 2016; Silva; Stabile, 2016; Quan-Haase; Sloan, 2017), se faz necessária uma discussão metodológica aprofundada para a (re)estruturação do campo. A não especificação e detalhamento de

como foi realizada a pesquisa, das técnicas de produção de dados, implica ainda no risco da reificação dos dados.

Resultados e conclusões dos textos analisados

Os resultados e conclusões dos textos analisados foram categorizados em três tipos: empíricos, quando os estudos têm como resultado principal a caracterização de aspectos empiricamente observáveis nos/dos objetos analisados; teóricos gerais, quando os estudos concluem com afirmações teóricas de alto grau de abstração das quais os objetos empíricos seriam exemplificações; teóricos empiricamente fundamentados, quando os resultados empíricos dos estudos são mobilizados para problematizar/propor argumentos teóricos.

Diante da dificuldade de enquadrar de forma inequívoca os textos nestas categorias, apresenta-se uma distribuição aproximada dos mesmos. Praticamente dois terços da literatura analisada apresentam resultados de tipo empírico, mostrando efeitos das TICs tanto nos atores (organizações, redes) quanto nos elementos que conformam os processos de mobilização social (enquadramentos, difusão, identificação, articulação, entre outros).

Outro terço da literatura tende a apresentar conclusões de tipo teórico geral, derivando dos casos e/ou processos estudados afirmações generalizantes sobre os efeitos das TICs, tanto no que se refere aos processos de organização e mobilização social quanto a processos políticos e sociais mais amplos.

Por fim, destaca-se um número bastante reduzido de textos que apresentam conclusões que são empiricamente fundamentadas e, ao mesmo tempo, a partir de tais conclusões apresentam proposições dotadas de implicações teóricas. Neste sentido, um exemplo a ser destacado é o artigo de Osório (2016), que analisa como as relações que se constituem nas redes sociais da Internet alteram a forma como se estruturam os processos de recrutamento para determinadas causas (no caso, para o movimento de proteção animal) e tendem a favorecer processos inovadores, que a autora denomina de “autorrecrutamento”.

Considerações Finais

A análise desenvolvida ao longo deste artigo indica que a literatura brasileira que aborda as relações entre TICs, movimentos sociais e ativismo apresenta lacunas e fragilidades, importantes de serem superadas para sua consolidação. Neste sentido, estas conclusões buscam apresentar algumas proposições com o objetivo de contribuir para este processo de consolidação.

O desafio central, nos parece, é a construção de uma efetiva articulação entre os estudos que abordam as TICs nos processos de organização e mobilização social com o significativo conhecimento já acumulado pelo campo de estudos sobre movimentos sociais, ativismo e, mais amplamente, ação coletiva. Chama a atenção que o resultado do trabalho de décadas de pesquisadores nacionais e internacionais, dedicados ao estudo da ação coletiva contestatória, praticamente não informe a literatura analisada, mesmo que seja para ser problematizado e superado. A implicação deste escasso diálogo com o conhecimento acumulado é a tendência da construção de problemas de pesquisa e objetos de investigação direcionados mais por preocupações conjunturais, empíricas, e menos por problemáticas teoricamente fundamentadas.

Mas para que a estruturação do campo de estudos em torno de uma agenda de problemas de pesquisa teoricamente fundamentados seja possível é necessária uma mudança no tipo de teoria mobilizada pelos pesquisadores. Além das gramáticas teóricas de alta abstração, é necessária a construção de modelos analíticos de médio alcance, que ofereçam hipóteses passíveis de terem sua adequação interpretativa submetida ao teste das pesquisas empíricas. São estes modelos que podem oferecer referenciais para a definição de procedimentos metodológicos que orientem a pesquisa empírica de forma sistemática e rigorosa.

Para exemplificar o que está sendo proposto, apresentamos uma tentativa de aproximação entre os problemas de pesquisa propostos pelos artigos analisados e os temas e conceitos da literatura contemporânea sobre movimentos sociais. Realizamos tal aproximação tendo como objetivo indicar caminhos para a construção de uma agenda de pesquisa que

conecte o estudo das TICs a questões que já são tradicionalmente discutidas no campo de estudos sobre movimentos sociais e ativismo. Neste sentido, os trabalhos que descrevem os usos de novas TICs por organizações ou redes de movimentos sociais parecem se relacionar a discussões sobre mudanças táticas e de repertórios (Alonso, 2012; Pereira; Silva, 2017; Tilly, 2006). Trabalhos sobre disputas interpretativas em torno de temas e eventos críticos podem ser conectados a discussões em torno das “batalhas de enquadramento” (Benford; Snow, 2000) entre movimentos e contramovimentos (Meyer; Staggenborg, 1996). Já trabalhos sobre os impactos das novas TICs sobre processos de recrutamento e engajamento estão relacionados à agenda de pesquisa sobre engajamento militante e ativismo político (Sawicki; Siméant, 2011; Earl et al, 2010; Earl, 2013; Silva; Ruskowski, 2010; 2016). Ainda, trabalhos sobre o impacto das novas TICs sobre a organização e mobilização conflitiva dos movimentos sociais estão claramente conectados à agenda de pesquisa em torno do conceito de “ação conectiva” (Bennett; Segerberg, 2012). Apontam-se, ainda, possibilidades de análise dos impactos das TICs sobre identidades coletivas (Gerbaudo, 2015; Melucci, 1995; Polletta; Jasper, 2001; Treré, 2015) e difusão e mudanças de escala de movimentos sociais (Bennett; Segerberg; Walker, 2014; Oliveira, 2016). Por fim, trabalhos sobre impactos das TICs sobre processos políticos mais amplos parecem se conectar de forma mais clara a agendas de pesquisa do campo de estudos sobre participação política (Van Deth, 2014; Theocharis, 2015). Estas conexões possíveis mostram uma enorme potencialidade na efetiva incorporação da literatura de movimentos sociais e ativismo aos estudos brasileiros que abordam as TICs nos processos de organização e mobilização social.

Para finalizar, a partir deste diálogo com a literatura nacional e internacional sobre movimentos sociais e ativismo, propomos um conjunto de problemas de pesquisa que poderiam servir como questões norteadoras de uma futura agenda de pesquisa sobre TICs, movimentos sociais e ativismo no Brasil:

Como o uso de novas TICs gera mudanças nos repertórios de ação dos movimentos sociais? Quais dilemas táticos surgem a partir dessas mudanças e como ativistas lidam com estes dilemas?

Qual o impacto das novas TICs sobre batalhas de enquadramento entre movimentos e contramovimentos? E entre movimentos sociais e mídia?

Como o uso de novas TICs produz mudanças nas estratégias de recrutamento utilizadas por movimentos sociais? Como elas produzem novas formas de engajamento e ativismo?

Como as novas TICs afetam o papel das organizações de movimentos sociais em processos de mobilização? É possível afirmar que vivemos uma transformação em direção as “ações conectivas”?

Como as novas TICs contribuem para a construção e reconstrução de identidades coletivas?

Como as novas TICs modificam processos de mudança de escala de movimentos sociais?

Estas questões, obviamente, não esgotam a agenda de pesquisa, mas sinalizam as potencialidades de um efetivo diálogo dos estudiosos das TICs com o campo de estudos de movimentos sociais e ativismo.

Artigos Revisados

ALCÂNTARA, L. M. de; D'ANDRÉA, C. D. de B. Redes de Movimentos Sociais e Intervenção na Esfera Pública Interconectada: um estudo da campanha pelo limite da terra na internet. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 36, Caxambu. *Anais [...]* Caxambu, 2012.

AMADEU DA SILVEIRA, S. Interações Públicas, Censura Privada: o caso do Facebook. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v. 22, n. supl. p. 1637–51, 2015.

ARAUJO, R. de P. A.; PENTEADO, C. L. C.; SANTOS, M. B. P. dos. Movimentos Políticos pelo *impeachment* de Dilma Rousseff e suas organizações na Internet. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 40, Caxambu. *Anais [...]* Caxambu, 2016.

BAQUERO, M.; BAQUERO, R. V. A.; MORAIS, J. A. DE. Socialização Política E Internet Na Construção De Uma Cultura Política Juvenil No Sul Do Brasil. *Educação & Sociedade*, v. 37, n. 137, p. 989–1008, 2016.

BARGAS, J. de K. R. Quilombolas no Pará: uso de redes sociais *online* e práticas políticas nas lutas por reconhecimento. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 39, Caxambu. *Anais [...]* Caxambu, 2015.

BELELI, I. Novos cenários: entre o “estupro coletivo” e a “farsa do estupro” na sociedade em rede. *Cadernos Pagu*, n. 47, p. 1–15, 2016.

CARVALHO, M. F. DE L. Is Our Hope Cyborg? Subalternity, Recognition and “Tretas” on the Internet. *Revista Estudos Feministas*, v. 25, n. 1, p. 347–363, 2017.

CHEN, Y.-Z. Análisis de los sitios web del movimiento por los derechos sexuales y reproductivos en México. *Sociedade e Cultura*, v. 15, n. 1, p. 87–98, 2012.

COELHO, M. das G. P.; LEMOS, D. D. Relatos de Experiências em Redes Digitais sobre o movimento #ForaMicarla: agenciamento, reflexividade e desdobramentos políticos em Natal (RN). In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 37, Águas de Lindóia. *Anais [...]* Águas de Lindóia, 2013.

EVANGELISTA, R. O movimento software livre do Brasil: política, trabalho e hacking. *Horizontes Antropológicos*, v. 20, n. 41, p. 173–200, 2014.

FERRAZ, C. P. Ciborgue e Ciberfeminismos no Tecnocapitalismo. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 40, Caxambu. *Anais [...]* Caxambu, 2016.

GAJANIGO, P. R.; SOUZA, R. F. Manifestações Sociais e Novas Mídias: a construção de uma cultura contra-hegemônica. *Caderno CRH*, v. 27, n. 72, p. 577–592, 2014.

GOVEIA, F.; MALINI, F.; CIARELLI, P. As Narativas do #VemPraRua: a revolta viralizada nas redes sociais. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 38, Caxambu. *Anais [...]* Caxambu, 2014.

GRAU, B. E. Activismo y Prácticas Digitales en la Construcción de una Esfera LGTB en España. *Revista Dados*, v. 59, n. 3, p. 755–787, 2016.

GRAVANTE, T. Ciberactivismo y apropiación social. Un estudio de caso: La insurgencia popular de Oaxaca. *Sociedade e Cultura*, v. 15, n. 1, p. 51–56, 2012.

JEREZ, A.; MACEIRAS, S. D.; MAESTU, E. Esferas públicas, crisis política e internet: el surgimiento electoral de Podemos. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v. 22, n. suppl, p. 1573–1596, 2015.

LIRA, I. T. Hacktivistas e Cypherpunks: a resistência à militarização e vigilância do ciberespaço na sociedade de controle. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 40, Caxambu. *Anais [...]* Caxambu, 2016.

MACHADO, M. B. Entre o Controle e o Ativismo Hacker: a ação política do Anonymus Brasil. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v. 22, n. suppl. p. 1531–1549, 2015.

MALCHER, B. M. da G. #FEMINISMO: ciberativismo e os sentidos da visibilidade. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 40, Caxambu. *Anais...* Caxambu, 2016.

MARZOCHI, S. F. O “Animal Eletrônico”: dilemas do ciberativismo verde. *Caderno CRH*, v. 28, n. 73, 2015.

MILHOMENS, L. Entendendo o Ciberativismo Sem-Terra e a Nova Esfera Pública Interconectada. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 35, Caxambu. *Anais [...]* Caxambu, 2011.

MILHOMENS, L. Ciberativismo na Amazônia: desafios da militância digital na floresta. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 36, Caxambu. *Anais [...] Caxambu*, 2012.

MILHOMENS, L.; BARROSO, M. Ciberativismo na Amazônia versus Grandes Projetos Desenvolvimentistas: a experiência do Movimento dos Atingidos por Barragens - MAB na hidrelétrica de Belo Monte (PA). In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 37, Águas de Lindóia. *Anais [...] Águas de Lindóia*, 2013.

NICOLÁS, M. A. Internet and Politics Studies in Brazil: mapping the characteristics and disparities of the research field. *Brazilian Political Science Review*, v. 7, n. 2, p. 114–140, 2011.

NICOLAS, M. A.; BRAGATTO, R. C.; SAMPAIO, R. C. Internet and politics studies in Brazil: mapping the characteristics and disparities of the research field. *Brazilian Political Science Review*, vol.7, n.2 p.114-140, 2013.

OLIVEIRA, R. de C. A. Cibercultura, Apropriação do Espaço Público e os usos da Cultura Digital: o caso do Ocupa Sampa, os Indignados de São Paulo. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 38, Caxambu. *Anais [...] Caxambu*, 2014.

OSÓRIO, A. Sociabilities and sensitivities: recruitments in homeless animal care. *Vibrant*, v. 13, n. 2, p. 143–159, 2016.

PENTEADO, C. L. D. C.; SANTOS, M. B. P.; ARAÚJO, R. D. P. A. Democracia, Sociedade Civil Organizada e internet: estratégias de articulação online da Rede Nossa São Paulo. *Sociologias*, v. 16, n. 36, p. 206–235, 2014.

PINHO, J. A. G. DE. Sociedade da informação, capitalismo e sociedade civil: reflexões sobre política, internet e democracia na realidade brasileira. *Revista de Administração de Empresas*, v. 51, n. 1, p. 98–106, 2011.

PIRES, T. M de C. C.; OLIVEIRA, C. C. G. Polarização Política no Twitter: as manifestações do dia 13 de março de 2016. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 40, Caxambu. *Anais [...] Caxambu*, 2016.

RAMOS, J. de S. A Sexualidade como Campo de Batalha na Internet: grupos religiosos e movimentos feminista e LGBT na luta em torno dos direitos sexuais. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 37, Águas de Lindóia. *Anais [...] Águas de Lindóia*, 2013.

SANTOS, F. Juventudes partidárias e mobilização cívica on-line: O caso das eleições presidenciais em Portugal (2011). *Sociedade e Cultura*, v. 15, n. 1, p. 39–50, 2012.

SAVAZONI, R.; MACHADO, M.; AMADEU DA SILVEIRA, S. As Múltiplas Faces do Anonymous: hacking político nas redes digitais. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 36, Caxambu. *Anais [...] Caxambu*, 2012.

SEBASTIÃO, S. P.; ELIAS, A. C. O ativismo like: As redes sociais e a mobilização de causas. *Sociedade e Cultura*, v. 15, n. 1, p. 61–70, 2012.

SEGURADO, R. A Agenda da Multidão e o Webativismo na cidade de São Paulo. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v. 22, n. supl. p. 1673–91, 2015.

SEGURADO, R.; CHICARINO, T.; MALINA, P. A Polarização Brasileira analisada através do monitoramento de rede focado nos perfis do MBL e da CUT no Twitter. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 40, Caxambu. *Anais [...] Caxambu*, 2016.

SEGURADO, R.; BACHINI, N.; CHICARINO, T. Podemos: a relação entre partido e movimento e entre liderança e protagonismo. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 39, Caxambu. *Anais [...] Caxambu*, 2015.

SEGURADO, R.; BACHINI, N.; MALINA, P. Os Movimentos Sociais e a Internet: a apropriação política do Facebook durante as Jornadas de Junho. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 38, Caxambu. *Anais [...] Caxambu*, 2014.

SEGURADO, R.; MARTINHO, S. G. Cyberativismo: quando o desconhecido se torna visível. Um estudo sobre a Birmânia. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 34, Caxambu. *Anais [...] Caxambu*, 2010.

SILVA, T. T. A biopolítica do corpo feminino em estratégias contemporâneas de ativismo digital. *Revista Estudos Feministas*, v. 24, n. 3, p. 739–759, 2016.

SIMÕES, J. A.; CAMPOS, R. Articulações entre a rua e o digital nas práticas culturais juvenis: os casos do rap de protesto e graffiti ilegal em Portugal. *Sociologias*, v. 18, n. 43, p. 272–299, 2016.

TEIXEIRA, A. C. E. M. Sobre Mídias e Ninjas: as Jornadas de Junho e a (des)construção de um novo sujeito político. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 38, Caxambu. *Anais [...] Caxambu*, 2014.

VILAÇA, L. H.; VON BULLOW, M.; ABELIN, P. Aprendendo a usar o Facebook: o movimento estudantil do Chile e o ativismo digital. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 39, Caxambu. *Anais [...] Caxambu*, 2015.

Referências

ABEND, G. Styles of Sociological Thought: Sociologies, Epistemologies, and the Mexican and U.S. Quests for Truth. *Sociological Theory*, 24:1, p.1-41, March 2006.

ALVESSON, M.; SANDBERG, J. *Constructing Research Questions: Doing Interesting Research*. London: Sage, 2013.

ALONSO, A. Repertório, segundo Charles Tilly: história de um conceito. *Sociologia e Antropologia*, v. 2-3, p. 21–41, 2012.

BENFORD, R. D.; SNOW, D. A. Framing Processes and Social Movements: An Overview and Assessment. *Annual Review of Sociology*, v. 26, n. 1, p. 611–639, 2000.

BENNETT, W. L.; SEGERBERG, A. The Logic of Connective Action. *Information, Communication & Society*, 15:5, p.739-768, 2012.

BENNETT, W. L.; SEGERBERG, A.; WALKER, S. Organization in the crowd: peer production in large-scale networked protests. *Information, Communication & Society*, v. 17 n. 2, p. 232-260, 2014.

BLOOMFIELD, B. P.; LATHAM, Y.; VURDUBAKIS, T. Bodies, Technologies and Action Possibilities: When is an Affordance? *Sociology*, 44, p. 415-433, 2010.

BOYD, D., CRAWFORD, K. Critical Questions for Big Data. *Information, Communication & Society*, 15:5, 662-679, 2012.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. *Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*. Brasília: Secom, 2014.

CAMPANELLA, B., & BARROS, C. *Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos* [recurso eletrônico]. (E-papers, Ed.). Rio de Janeiro, 2016.

CASTELLS, M. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CRISTANCHO, C.; ANDUIZA, E. *Connective Action in European Mass Protest*. Paper prepared to be presented at the ECPR Joint Sessions of Workshops Mainz, 11-16 March 2013.

EARL, J.; KIMPORT, K.; PRIETO, G.; RUSH, C.; REYNOSO, K. Changing the world one webpage at a time: conceptualizing and explaining internet activism. *Mobilization: An International Quarterly*, v. 15, n. 4, p. 425-446, 2010.

EARL, J. Studying Online Activism: The Effects of Sampling Design on Findings. *Mobilization: An International Quarterly*, v. 18, n. 4, p. 389-406, 2013.

EVANS, S. K.; PEARCE, K. E.; VITAK, J.; TREEM, J. W. Explicating Affordances: A Conceptual Framework for Understanding Affordances in Communication Research. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 22, pp. 35–52, 2017.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. *Métodos de Pesquisa para Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2016.

GEDDES, B. *Paradigms and Sand Castles: Theory Building and Research Design in Comparative Politics*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2003.

GERBAUDO, P. Protest avatars as memetic signifiers: political profile pictures and the construction of collective identity on social media in the 2011 protest wave. *Information, Communication & Society*, v. 18, n. 8, p. 916–929, 2015.

GSCHWEND, T.; SCHIMMELFENNIG, F. (Eds.). *Research Design in Political Science: How to Practice What They Preach*. New York: Palgrave Macmillan, 2007.

HUTCHBY, I.. Technologies, Texts and Affordances. *Sociology*, Vol. 35, No. 2, pp. 441–456, 2001.

HINE, C. Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia. In: Campanella, B., & Barros, C. *Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos* [recurso eletrônico]. (E-papers, Ed.). Rio de Janeiro, 2016.

MELUCCI, A. The Process of Collective Identity. In: JOHNSTON, H.; KLANDERMANS, B. (Eds.). *Social Movements and Culture: Social Movements, Protest, and Contention*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1995. p. 41–63.

MEYER, D. S.; STAGGENBORG, S. Movements, Countermovements, and the Structure of Political Opportunity. *American Journal of Sociology*, v. 101, n. 6, p. 1628, 1996.

OLIVEIRA, G. de L. *A Mudança de Escala na Mobilização dos Atingidos por Barragens*. [Tese de Doutorado]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

PEREIRA, M. M.; SILVA, C. F. da. Ação Contenciosa: repertórios, táticas e performances. IN: *Anais do 18o Congresso Brasileiro de Sociologia*. Brasília, 2017.

PERRUSO, M. A. *Em Busca do “Novo”: Intelectuais Brasileiros e Movimentos Populares nos Anos 1970/90*. São Paulo: Annablume, 2009.

POLLETTA, F.; JASPER, J. M. Collective Identity and Social Movements. *Annual Review of Sociology*, v. 27, p. 283–305, 2001.

QUAN-HAASE, A.; SLOAN L. (dir.). *The SAGE handbook of social media research methods*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2017.

RAINIE, L.; WELLMAN, B. *Networked - The New Social Operating System*. Cambridge: The MIT Press, 2012.

SAMPAIO, R. C.; BRAGATTO, R. C.; NICOLÁS, M. A. A construção do campo de internet e política: análise dos artigos brasileiros apresentados entre 2000 e 2014. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 21. Brasília, setembro - dezembro de 2016, pp 285-320.

SAMPAIO, R. C. et al. Ciberpolítica, Ciberativismo e Cibercultura: uma análise dos papers apresentados no grupo de trabalho da Anpocs. *BIB*, n.85, p.126-147, 2018.

SAWICKI, F.; SIMEANT, J. Inventário da sociologia do engajamento militante: Nota crítica sobre algumas tendências recentes dos trabalhos franceses. *Sociologias*, vol.13, n.28, p. 200-255. 2011.

SILVA, M. K.; RUSKOWSKI, B. de O. Condições e mecanismos do engajamento militante: um modelo de análise, *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 21, p. 187-226, 2016.

SILVA, M. K.; RUSKOWSKI, B. Levante juventude, juventude é prá lutar: redes inter-pessoais, esferas de vida e identidade na constituição do engajamento militante. *Revista Brasileira de Ciência Política* (Impresso), v. 3, p. 23-48, 2010.

SILVA, T., & STABILE, M. *Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações*. Uva Limão, 2016.

THEOCHARIS, Y. The Conceptualization of Digitally Networked Participation. *Social Media + Society*, p. 1 –14, July-December, 2015.

TILLY, C. *Regimes and Repertoires*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 2006.

TRERÉ, E. Reclaiming, proclaiming, and maintaining collective identity in the #YoSoy132 movement in Mexico: an examination of digital frontstage and backstage activism through social media and instant messaging platforms. *Information, Communication & Society*, v. 18, n. 8, p. 901-915, 2015.

VAN DETH, J. W. A conceptual map of political participation. *Acta Política*, v. 49, p. 349–367, 2014.

Agradecimentos e Observações

Agradecemos às críticas e sugestões apresentadas pelos pareceristas anônimos da Revista Compolítica, bem como os comentários realizados pelas organizadoras do GT “Entre as Ruas e os Gabinetes: institucionalização e contestação nos movimentos sociais latino-americanos” durante o 41º Encontro Anual da Anpocs. Agradecemos,

ainda, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento do projeto “Tecnologias de informação e comunicação e mobilização social contestatória: uma análise comparativa”, ao qual essa produção se vincula.

Pesquisa financiada pelo CNPq - Edital de Fomento – MCTI/CNPq Nº 14/2014

Notas

Uma versão preliminar desse artigo foi apresentada no GT “Entre as Ruas e os Gabinetes: institucionalização e contestação nos movimentos sociais latino-americanos” do 41º Encontro Anual da Anpocs, intitulada “Tecnologias da Informação e Comunicação, ativismo e movimentos sociais: sobre o que estamos falando mesmo?”.

Os Autores

Bianca de Oliveira Ruskowski: Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Instituto Federal Sul-Riograndense (IFSUL). E-mail: biancaor@sapucaia.ifsul.edu.br

Camila Farias da Silva: Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora substituta do Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: camilafsb@yahoo.com.br

Eduardo Georjão Fernandes: Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Centro Universitário Uniftec. E-mail: eduardo.g.fernandes@gmail.com

Marcelo Kunrath Silva: Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor titular do Departamento de Sociologia da UFRGS e professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS/UFRGS). Coordena o Grupo de Pesquisa Associativismo, Contestação e Engajamento (GPACE). E-mail: mksilva@ufrgs.br

Matheus Mazzilli Pereira: Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Vila Velha (PPGSP/UVV). E-mail: matheus.mazzilli@gmail.com

Data de submissão: 01/11/2019

Data de aprovação: 05/05/2020

